

Propriedade/Administração
Centro de Estudos de Bioética
cebioetica@gmail.com

Diretor

Filipe Almeida

Conselho de Direção

Filipe Almeida

Carlos Costa Gomes

Michel Renaud

Vasco Pinto Magalhães SJ

João Loureiro

Secretariado

Carlos Costa Gomes (Coord.)

Redação

Ana Sofia Carvalho

José Pinto Mendes

Paula Martinho Silva

Maria do Céu Patrão Neves

Paula Sousa

Periodicidade

Trimestral

Desenho Gráfico

José Osswald

Index das Revistas Médicas Portuguesas

www.indexrmp.com

Pedido de Assinaturas e números avulso

Centro de Estudos de Bioética

Rua Diogo Botelho, 1327

4169-005 • Porto

Email: cebioetica@gmail.com

Tel.: 226196216 / Telem.: 917292654

Pré-impressão | Impressão | Acabamento

Realbase, Lda.

Zona Industrial, Arruamento E, Lote 12, Fracção A/B

3850-184-Albergaria-a-Velha • Aveiro • Portugal

Registo no ICS: 125129

Depósito Legal n.º 113965/97

ISSN 1646 - 8082

Assinatura anual - 30,00 €

Número Avulso - 10,00 €

Revista Portuguesa de

Bioética

Cadernos de Bioética

Ano XXI/61 N. S. N.º 22 Dezembro 2015

Sumário

07 **Nota de abertura**

Filipe Almeida

09 **A Família hoje**

Carlos Costa Gomes

23 **Jorge Biscaia – O Homem e a Profissão**

Filipe Almeida

31 **A Compreensão Histórica da Família**

Helena Osswald

43 **Família, um Lugar de Afectos**

Constança Biscaia

51 **A Família, Lugar de Lugares Ou A Utopia da Família-topos**

José Nuno Ferreira da Silva

63 **Família: Fecundidade ou Descendência?**

Marta de Mendonça

75 **O Casamento, Aliança ou Contrato**

Michel Renaud

83 **Notícias e Comentários**

88 **Instruções para os Autores**

Cambridge, Cambridge University Press.

LASLETT, Peter e Karla OOSTERVEEN e Richard M. SMITH (1980) *Bastardy and its comparative history: studies in the history of illegitimacy and marital nonconformism in Britain, France, Germany, Sweden, North America, Jamaica and Japan*. Harvard University Press, Cambridge-Mass

MATTOSO, José (dir) (2011). *História da Vida Privada em Portugal*. Lisboa, Temas e Debates. 4 vols.

NORA, Pierre e Jacques LE GOFF (dir)(1974). *Faire de l'histoire*. Paris, Gallimard. 3vols.

OSSWALD, Helena (2008). *Nascer, Viver e Morrer no Porto Seiscentista* Porto, FLUP.

SIEDER, R. (1987). *Sozialgeschichte der Familie*. Frankfurt, Suhrkamp Verlag.

Wrigley, E. A. and R. S. Schofield (1981). *The population history of England 1541-1871. A reconstruction*. London, Edward Arnold.

Família, um Lugar de Afectos

Constança Biscaia¹

Resumo: A família como lugar de afectos. Que lugar e que afectos? Será que é um lugar ou antes um entrecruzar de vários lugares? As perspectivas sistémicas sobre a família falam-nos desta como um sistema dinâmico, um lugar que é um todo com uma identidade própria que a diferencia e torna única. Mas um lugar que é também, uma rede complexa de vários lugares (de vários subsistemas) marcado pela complexidade das relações que se tecem entre os seus membros e entre estes diferentes espaços que o constituem, como nos mostram, por exemplo, os estudos sobre as interações entre a qualidade do espaço da conjugalidade e o espaço da parentalidade.

Resumé: La famille comme un lieu d'affection. Ce lieu et cette affection? Est-il un endroit ou plutôt un entrecroisement de différents endroits? Perspectives systémiques sur la famille nous le disent comme un système dynamique, un endroit qui ne fait qu'un avec sa propre identité qui la distingue et la rend unique. Mais un endroit qui est aussi un réseau complexe de divers endroits (divers sous-systèmes) marquées par la complexité des relations qui tissent entre ses membres et entre les différents domaines qui le constituent, comme le montre, par exemple, des études sur le interactions entre la qualité de l'espace conjugal et l'espace de la parentalité.

¹ Psicóloga e psicoterapeuta. Docente da Universidade de Évora (cbiscaia@uevora.pt). Comunicação - Tríptico: A FAMÍLIA: DE ONDE VEM E PARA ONDE VAI Colóquio" DA COMPREENSÃO HISTÓRICA AO SEU LUGAR NO MUNDO - Centro de Estudos de Bioética, Fundação Calouste Gulbenkian (28 fevereiro 2015).

Tentar pensar a partir deste título que me foi dado, confrontou-me com o sentimento algo paradoxal de não saber o que dizer, sobre um tema que parecia ser tão óbvio e claro. Afinal, todos nós temos uma família, ou até talvez mais do que uma, e todos já experimentámos dalguma ou de muitas formas os afectos que nela circulam. Viria daí, do facto desta ser uma realidade tão próxima de cada um de nós, a minha dificuldade em pensá-la? Ou será que não estava ainda capaz de pensar os afectos que este tema despertava em mim? E como não sou especialista em psicologia da família e no meu trabalho clínico não trabalho com casais nem com famílias, não me podia sequer refugiar num suposto saber mais científico sobre esta realidade. E no entanto, as pessoas que tenho o privilégio de acompanhar no seu processo terapêutico, continuamente me falam do que viveram/vivem com as suas famílias. E dei comigo a pensar na família interna que cada um traz dentro de si. Seria esse um caminho possível para abordar este tema? E à medida que ia pensando nas várias coisas que poderia aqui falar era como se esses diferentes pontos de abordagem se entrecruzassem entre si e eu me visse no meio duma rede complexa de afectos. Mas ser uma realidade viva e dinâmica feita de circularidade, que não se deixa aprisionar num discurso linear e descritivo, não será uma das características da família?

E acabei por ter de aceitar o facto de que não ia ser capaz de fazer um texto com princípio, meio e fim, para me deixar guiar pelos pensamentos feitos de afectos, que iam surgindo dentro de mim.

E a primeira imagem que me veio, foi a da refeição partilhada em família depois do enterro da minha mãe. Nesse mesmo dia fazia 18 anos a minha filha mais nova, o que me fez pensar na família enquanto lugar onde se nasce e se morre, lugar onde de muitas formas se celebra a vida. Lembrou-me de na altura um dos meus filhos, que era especialmente ligado à avó, ter comentado como era bom podermos estar ali todos juntos, porque isso permitia-nos viver duma outra forma a dor, transformando-a pela possibilidade de estarmos com os outros. E ecoaram em mim as palavras de Meltzer quando nos diz que uma família serve para gerar amor, promover a esperança, conter a tristeza e pensar. Cinco anos depois, a seguir ao enterro do meu pai, aconteceu de novo esse estarmos a partilhar uma refeição, e logo a seguir de novo, depois do enterro do meu irmão João. E quando estávamos todos juntos depois da morte do João, sem termos ainda muito bem percebido como é que se podia morrer de forma tão inesperada, dei comigo a olhar para aquela que é hoje a minha família, ali junta à volta duma mesa. O lado dos mais velhos estava agora bem mais reduzido e eu já era uma das mais velhas desta família. Mas do outro lado, a mesa estava a crescer, com os

filhos/sobrinhos que aos poucos estavam a começar a trazer aqueles com quem querem construir a suas novas famílias. E talvez que em breve, alguns daqueles que agora éramos os pais, nos fossemos tornar também avós, tornando-se pais aqueles que agora eram ainda só filhos. E pensei na família, enquanto lugar de transmissão da vida, num contínuo movimento de renovação, em que uns vão dando lugar a outros, abrindo-nos de forma radical ao infinito.

E voltei ao título que me tinha sido dado: A família como lugar de afectos. Que lugar e que afectos?

Será que é um lugar ou antes um entrecruzar de vários lugares? As perspectivas sistémicas sobre a família falam-nos desta como um sistema dinâmico, um lugar que é um todo com uma identidade própria que a diferencia e torna única. Mas um lugar que é também, uma rede complexa de vários lugares (de vários subsistemas) marcado pela complexidade das relações que se tecem entre os seus membros e entre estes diferentes espaços que o constituem, como nos mostram, por exemplo, os estudos sobre as interações entre a qualidade do espaço da conjugalidade e o espaço da parentalidade.

Se pensarmos simbolicamente numa casa de família, temos o quarto do casal que depois se torna também o quarto dos pais, sem, no entanto, deixar de ser o quarto do casal, os quartos dos filhos, a sala comum e outros tantos espaços que revelam a especificidade própria de cada família. Se olharmos para cada um destes espaços como espaços internos podemos pensar na importância dos diferentes lugares da família e dos limites entre estes espaços, mas também da forma como se interpenetram e se influenciam entre si.

A forma como se organizam estes diferentes lugares, as relações que existem entre eles e no interior de cada um, definem a estrutura da família ou as diferentes configurações vinculares que a constituem. Porque afinal as famílias definem-se não por laços de consanguinidade, mas pelos vínculos afectivos, que se tecem entre um grupo de pessoas.

Vínculos que marcam e ligam. Vínculos feitos de quotidianos, de sobressaltos e assombros, de experiências de intimidade únicas e irrepetíveis. Vínculos feitos de ternura, que é esse espaço feito de sossego no qual o tempo esquece a pressa, essa capacidade de contemplação, feita de delicadeza e de solicitude, de fragilidade perante o outro. Vínculos feitos de gestos, feitos de coisas aparentemente feitas de nada, mas que criam o espaço para o encontro pleno, que atinge a pessoa na sua totalidade e que, por isso, unifica e consolida, criando imunidades. Vínculos que se tecem num espaço, feito de

gestos tranquilos, mas tb de muitos sobressaltos e contradições, feito de encontros, mas tb de desencontros e conflitos, onde se misturam sentimentos complexos e contraditórios, muitas vezes feitos de ambiguidades. Porque a qualidade do espaço familiar não se traduz pela ausência de conflitos, mas pela possibilidade de viver com eles e de os poder pensar, sem ter de recorrer a mecanismos regressivos ou descompensatórios. Da mesma forma, que os afectos na família não se traduzem apenas por afectos amorosos, mas também pela agressividade e a possibilidade de poder viver na relação. É de Winnicott, que foi um dos autores que melhor falou da importância da mãe suficientemente boa, um belo texto² onde fala das várias razões que uma mãe também tem para odiar o seu filho. Porque só quem pode zangar-se e viver a sua agressividade, é capaz de amar genuinamente. Da mesma forma que não é o desacerto ou o conflito que nos fala necessariamente da patologia familiar, mas sim a impossibilidade do reacerto ou do reencontro.

É neste espaço de vivência de afectos profundos, numa trama de sentidos muitos vezes contrários, feito dos diferentes modos de estar e de ser da cada um e da família no seu todo, que a identidade de cada família ganha forma, dando corpo a um sentimento de grupo e de pertença àquela família e não a outra, mas também ao sentimento de sermos quem somos. Porque afinal a família é o espaço que se deve tornar o lugar onde nos constituímos e primeiro somos dados à luz. O que faz com que pensar os afectos na família seja pensar na construção da vida. Nascermos sempre da relação. E aqui pensei em três dos aspectos possíveis de referir neste texto.

O primeiro deles tem a ver com esta ideia de que um dos vínculos afectivos fundamentais, se prende com o vínculo do reconhecimento. Penso que o desejo deste é o desejo instaurador do humano, porque só através dele se pode atingir o seu si-mesmo. Desejo de ser entendido e reconhecido, para se poder reconhecer e amar e a partir daí poder partir, para conhecer e amar outros diferentes de si. Disse Winnicott, “olho e sou visto, logo existo! E posso agora, permitir-me olhar e ver”. Olhar para me ver, mas tb para ver como sou visto, porque, e cito de novo Winnicott, se “ocultar-se é um prazer, não ser encontrado é uma catástrofe”. E a família é o lugar onde primeiro somos olhados e nos podemos reconhecer no olhar de quem nos olha, que se torna assim para nós lugar de possibilitação. Mas podemos ser bem ou mal reconhecidos, encontrados em função do que somos ou em função de quem nos encontra e aí permanecer descontraídos, perdidos de nós próprios.

Um segundo tema parte do saber que as relações em que somos dados à luz pressupõem sempre a abertura ao terceiro. São sempre preciso dois para haver um e hoje o conceito de triade mãe-pai-bebé sobrepe-se ao conceito da díade mãe-bebé. O pai contribui para o tornar-se mãe, como a mãe contribui para o tornar-se pai, havendo uma co-construção onde a criança se vai inserir. Neste espaço, o filho cria os pais, da mesma forma que estes criam os filhos. E o terceiro insere-se na díade, abrindo esta ao lugar de um outro, que não sou eu nem tu, mas um espaço outro, que abre ao novo e ao diferente. Porque se assim não for, fica-se preso na impossibilidade de crescer.

E ainda um terceiro tema, intimamente ligado com o que acabei de referir, que me leva a pensar que o afecto nas famílias passa pela organização da proximidade, mas também da distância, da semelhança, mas também e muito da diferença. Diferença das gerações (base para se aceitar o nosso passado histórico), diferença de sexos, diferenças de espaços e lugares. Porque crescer no plano psicológico é também ser capaz de fazer um trabalho interior de elaboração de perdas e de separações. Nascer é separar-se do corpo da mãe e o nascer psíquico opera-se pela separação da união fusional com o objecto contentor materno. Aceitar essa separação e a perda que ela acarreta é o preço de toda a descoberta. Porque separar-se do corpo da mãe é poder representá-lo no seu interior. O que significa que se é na presença que nos criamos, é na ausência que acedemos ao pensamento.

Se o espaço familiar se estrutura pela vivência de múltiplos afectos tecidos num quotidiano relacional, pensá-lo implica que o olhemos sempre a partir da forma como ele se articula com a dimensão temporal. O que faz que quando olhamos os afectos na família inevitavelmente nos confrontemos com a temporalidade e a mudança.

E aí encontramos um tempo que surge associado ao processo de desenvolvimento da família, que faz com que nesta haja o tempo do casal, o tempo dos filhos, o tempo dos avós e do envelhecer (e estava a citar o índice dum livro escrito pelo meu pai, a Isabel e o M. Renaud³). E encontramos um tempo familiar no qual se entrecruzam os tempos das outras famílias que a partir dela se vão criando, interagindo entre si diferentes gerações. Um tempo que se exprime na mudança que acontece numa dinâmica de continuidade. Sou mãe, mas este meu ser mãe e o que isso significa relacionalmente está

2 Winnicott, D. W. " O ódio na contratransferência". In D.W. Winnicott, *Textos seleccionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago, 2000 (texto original de 1947).

3 Biscaia, J., Renaud, M., A que pais têm os filhos direito – tempos da vida, Coimbra, Gráfica Ed., 2008.

num contínuo processo de alteração. Porque a mudança na família é algo de permanente, embora nesse processo de mudança se alterem momentos de fluidez e momentos de mudanças irreversíveis das quais emerge um novo padrão relacional e afectivo. Um casal não será mais o mesmo depois do nascimento de um filho, como também nada será mais o mesmo depois da morte de um dos membros da família.

Mas se este tempo familiar nos fala de progressão, fala-nos também de toda uma história familiar que precede cada família nuclear, remetendo-nos para a transgeracionalidade e para a intergeracionalidade quer na vivência do casal, quer na relação que os pais estabelecem com os seus filhos.

Organizamos e fazemos acontecer o presente em função da forma como guardamos em nós o passado vivido. E os estudos mostram correlações muito altas entre as representações que as mães têm das suas experiências de vinculação na infância e os estilos de vinculação que encontramos nos seus filhos, como se houvesse um “mandato transgeracional” na expressão de Lebovici, a partir do qual as vivências fantasmáticas dos pais e o impacto que o bebé tem nestas, vão impregnar e modelar as interações que estabelecem com os seus filhos, levando a trajetórias relacionais que tendem a crescer-se, repetindo-se. E assim, se a família nos permite a inserção na continuidade duma história relacional, que é geradora de vida, traz também consigo, toda uma dimensão de repetição, que revela no presente a marca do passado vivido, passado tanto mais presente, quanto mais esquecido

Mas a história não é necessariamente o nosso destino. Porque se é verdade que o presente traz em si a memória indelével do passado vivido, também reorganiza e transforma esse passado, que uma vez recriado, tem um novo impacto no presente, permitindo um futuro outro. E por isso, a relação entre passado e presente, não é necessariamente uma relação de determinação, mas sim de possibilidade mútua. Nesta linha, se os estudos sobre a intergeracionalidade olham este como sendo um processo descendente, isto é, dos pais para os filhos, também é possível colocar a hipótese duma transmissão intergeracional ascendente. O que significa que se é verdade que o passado dos pais influencia a forma como estes investem e se relacionam afectivamente com o seu filho, a criança, pela sua forma de estar e de se relacionar com os pais, também é capaz de influenciar o funcionamento destes. Afinal, e como já referi, são as crianças que fazem dos seus pais, pais. O que nos permite dizer que se as famílias, tal como cada um de nós, são a sua história, não o são como

um destino, mas sim enquanto possibilidade, na medida em que a podem recriar, permitindo um futuro outro. E aí é possível pensar a dimensão histórica do afecto familiar e as mudanças que nele ocorrem como um contínuo reiniciar, que não é necessariamente vivido na lógica do mito do eterno retorno, no qual a realidade se repete em ciclos fechados sobre si próprios, mas num reiniciar que reintegra o passado, num movimento em espiral ascendente, que permite a abertura a outros futuros possíveis, vividos num “horizonte de expectativa”. E talvez que aí os afectos vividos na família nos abram à esperança, na certeza que a esperança não é esperar que algo de bom aconteça, mas sim a força interior para criar esse bem.

A história de cada família e dos afectos que nela se vivem tem um princípio que não sabemos bem vislumbrar e um fim que não se conhece, mas que se espera e se sabe que está lá, contendo e orientando a vida familiar. Aquele livro escrito pelo meu pai, pela Isabel e Michel Renaud cujo índice há pouco enunciei, depois de falar dos vários tempos da família, termina falando sobre a esperança e a forma como esta nos abre ao futuro. E diz o meu pai no capítulo sobre o “Viver a esperança”:

Que esperança?

Certamente que não uma esperança de vida eterna ou de eterna juventude. (...) Pelo contrário, a esperança que devemos deixar crescer dentro de nós é aquela que se prende com a compreensão mais verdadeira da razão de ser e do viver de cada um, e que nos obriga a interrogarmo-nos: Qual o sentido da minha vida aqui e agora? Como é que este momento se insere, modifica, ou mais claramente alarga, esse sentido descoberto já há muito tempo, ou então enfrentado só neste momento, quando nos sentimos colocados perante um fim previsível que urge assumir? (...) É uma pergunta pessoal que não pode ser respondida teoricamente, mas no concreto de cada um de nós. (...) Para refletir sobre tudo isto é bom fazer encontros e discussões, contar experiências e testemunhos pessoais, que têm por objectivo servir como linhas condutoras da abertura e clarificação do nosso próprio caminho. Caminho que não termina senão no derradeiro encontro com o grande amor criador que, espero bem, todos nós faremos um dia. Esse caminho é de todos os dias e não unicamente quando uma doença de morte provável nos bate à porta. É para essa reflexão e para fazer essa descoberta, nimbada de esperança (...) que nos devemos sentir sempre convidados.

A esperança é assim uma virtude que brilha como a luz ofuscante à nossa frente, no limite da escuridão dum túnel em que nos custa ver. Por isso, os raios de luz que num ou noutro momento que-

bram as negritudes capazes de esconder a claridade do sol, terão de ser acarinhadas como pequenos faróis anunciadores da grande luz que nos espera um dia⁴

E aqui pensei, que talvez os afectos vividos na família, possam ser esses pequenos faróis que anunciam o Afecto que esperamos. E relendo este texto pensei também que só se morre, quando morrem as últimas pessoas que nos conheceram. Só se morre, quando a relação com esses outros não foi criativa e geradora de vida. Porque nos tornamos eternos através daquilo que criámos e construímos, através daquilo que de nós deixamos aos outros. Tornamo-nos eternos na esperança que semeamos no coração da cada outro. E por isso a família enquanto lugar de afectos, dando-nos a consciência da nossa temporalidade, abre-nos à eternidade.

E pensei ainda que se na família é o ato de amor que nos cria, em todo o sentido da palavra, é a ela e a esse ato de amor que continuamente voltamos nas vinculações possíveis que a vida nos oferece, num contínuo recriar da história, que nos abre ao infinito de novas possibilidades. Neste processo os pais ascendem um degrau, para depois descenderem um degrau. É agora a vez dos filhos. E os pais de antes tornaram-se avós e envelheceram, confrontando-nos com a finitude da vida. E aí é tempo de partir de novo, sabendo que já nada será o mesmo, mas que o melhor está sempre para vir.

A Família, Lugar de Lugares Ou A Utopia da Família-topos

José Nuno Ferreira da Silva¹

Introdução

Conduz-me a convicção de que a categoria lugar desempenha e desempenhará um papel fundamental na preservação do futuro, no sonhá-lo como no projectá-lo, no construí-lo como no caminhar para ele e através dele, em suma, no habitá-lo.

Diria mesmo, um passo mais além, que a possibilidade do futuro depende mesmo da capacidade da actual geração de não perder, antes habitar o presente que nos é dado como o nosso lugar, para que as futuras garantamos e ofereçamos o seu presente como um lugar habitável. Conjugo o tempo como realidade a habitar, ou não fora o espaço no seu processo ininterrupto de evolução o dizer-se do cro-nos como topos. O homem habita o tempo frequentando o espaço.

Na premissa que venho de enunciar, não utilizo a palavra lugar referindo-o apenas a qualificação possível de um espaço. Se é verdade que a reflexão sobre esta categoria seja própria da Antropologia do Espaço, a verdade é que se torna necessário transpô-la, a fim de proceder a um exercício de antropologia das relações – neste caso o lugar das relações primeiras, a família – para o campo da Antropologia Social, que é diferente da Sociologia e irreduzível a um seu

1 Comunicação - Tríptico: A FAMÍLIA: DE ONDE VEM E PARA ONDE VAI Colóquio" DA COMPRENSÃO HISTÓRICA AO SEU LUGAR NO MUNDO - Centro de Estudos de Bioética, Fundação Calouste Gulbenkian (28 fevereiro 2015).

4 Biscaia, J., Renaud, J. e Renaud, M. A que pais têm os filhos direito – tempos da vida. Coimbra, Gráfica Ed., 2008, p. 274-279.